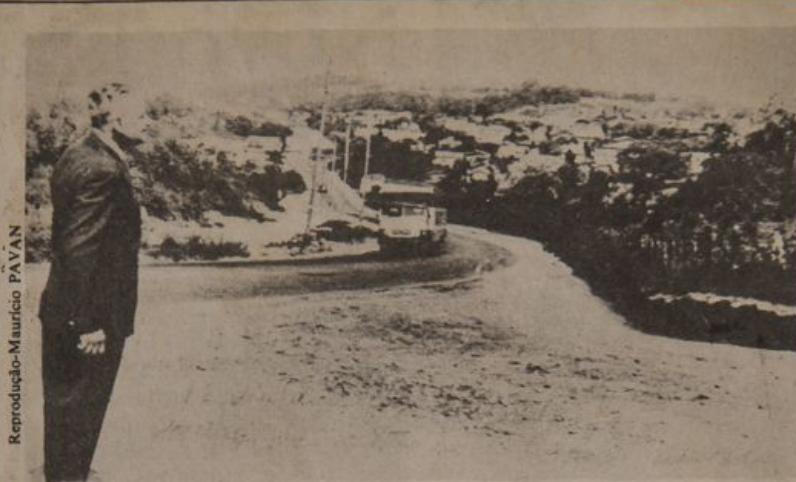


Ademir MEDICI



Pela estrada do Cupecê



Avenida Cupecê, que interliga Diadema a São Paulo e que vai dar direitinho no shopping-center Morumbi e, logo a frente, à marginal de Pinheiros e caminho para o hipódromo Cidade Jardim e estádio Cicero Pompeu de Toledo, já foi uma pacata estrada de muito verde ao seu redor e pouco movimento. Hoje se transformou. É uma avenida urbana, de trânsito intenso e onde o Metrô continua - sabe-se lá até quando - implantando o sistema de trólebus.

Mas naquele início da década de 60, quando Diadema consolidava sua independência, o então prefeito Evandro Caiafa Esquivel se orgulhava da via como uma de suas mais importantes obras, juntamente com São Paulo. A velha estrada do Cupecê estava sendo asfaltada. A foto mostra exatamente isto: o prefeito observa sua obra.

No início da colonização paulista, a Cupecê teve importância. A

professora Sylvia Ramos Esquivel conta que por volta do século 17 havia nos sertões de Embu ativa exploração e cata de ouro de aluvião. O caminho de quem vinha de Santos ou das cidades do Vale do Paraíba, em direção a Embu, necessariamente passava pelo Curral Grande (hoje Piraporinha) e pelo Curral Pequeno (atual Centro de Diadema). Parada quase obrigatória era a casa dos Jesuítas, cujas ruínas ainda podiam ser vistas na primeira metade deste século na atual avenida Padre Manoel de Nóbrega.

Depois da casa dos Jesuítas, em direção a Embu, passava-se pela estrada Cupecê, cujo primeiro nome foi estrada do Zavuvus. Atualmente é avenida Presidente Kennedy. Com algumas variações chegava-se depois a Embu. Os mercadores, por estas vias todas, transportavam fazendas, pólvora, sal, farinha. Vinham em cavalos e usavam bestas (cargueiros).

Estas e outras histórias estão no livro de dona Sylvia. E cabe à Prefeitura de Diadema, como já foi prometido pelo prefeito Gilson Menezes, publicar a obra de fundamental importância para quem quiser entender um pouco a fascinante história do Grande ABC.